**Tecendo saberes sobre a história das mulheres**

Alexandre Pereira Mérida (UERJ/FFP)

[alexandremerida@yahoo.com.br](mailto:alexandremerida@yahoo.com.br)

Eurídice Hespanhol (UERJ/FFP)

[ehm.pessoa@gmail.com](mailto:ehm.pessoa@gmail.com)

Teresa Vitória F. Alves (UERJ/FFP)

[teresavalves@gmail.com](mailto:teresavalves@gmail.com)

**Resumo**

Analisar a história das mulheres dentro de uma visão crítica de seus apagamentos ao longo da historiografia brasileira é a tentativa de combater a imposição de uma única história em relação ao seu percurso, pois as multiplicidades de vivências são importantes para a complexação e aprofundamento dos estudos ligados ao gênero feminino em diferentes tempos e espaços. Logo o presente trabalho traz consigo o objetivo de apresentar diferentes olhares sobre a história das mulheres, partindo das falas e vivências de mulheres que ao longo do tempo deixaram suas marcas que possibilitaram aos estudiosos(as) ampliar as teias que constroem os universos femininos.

**Palavras Chaves**: História das mulheres; Mulheres; Apagamento

**Resumo Expandido**

Estudar as histórias das mulheres é um processo complexo e desafiador, complexo por ser tratar de personagens que nem sempre deixaram seus registros preservados, ou ainda, suas vozes valorizadas numa sociedade machista, patriarcal e sexista, como a brasileira. Desafiador, pois ainda no presente percebe-se as diferenças sexistas na sociedade brasileira e como o patriarcado continua a fazer distinção entre os homens e as mulheres atribuindo padrões comportamentais e impondo limitações as vivências femininas em suas múltiplas expressões.

Chiamamanda Ngozi Adiche (2009) em seu texto “O perigo de uma história única” alerta sobre os perigos de uma única narrativa sobre a história, ou dito de outra maneira, a historiografia, que é o processo de escrita da história, muitas vezes é inacessível em sua complexidade para aquelas e aqueles que se debruçam sobre o passado. Em seu texto a autora narra as percepções que muitas/muitos ainda tem da África e de seus processos histórico-culturais, tendo quase sempre uma visão depreciativa e preconceituosa, não reconhecendo a diversidade existente em todo território africano, assim como as complexas relações socioeconômicas e política que envolvem as/os africanos/as em sua diversidade. O próprio caso da autora é exemplar, sendo nigeriana de família pertencente ao estrato médio da sociedade, nunca teve problemas em sua formação acadêmica, ao contrário de uma parte significativa de seus conterrâneos.

Minha colega de quarto tinha uma história única da África: uma história única de catástrofe. Naquela história única não havia possibilidade de africanos serem parecidos com ela de nenhuma maneira; não havia possibilidade de qualquer sentimento mais complexo que pena; não havia possibilidade de uma conexão entre dois seres humanos iguais (ADICHE, 2009, p. 8).

A percepção distorcida da colega de quarto de Adiche não foi um evento isolado sobre as representações que se faz sobre o continente africano, pondo-o numa condição de subalternização em relações ditas sociedades “evoluídas[[1]](#footnote-1)”. Uma história única é sempre algo preocupante pois faz emergir em seu discurso uma norma que acaba sendo naturalizada nas relações sociais e não mais questionada. Torna-se a norma, aquela que deve ser propagada e respeitada, nunca questionada, a autora usa um termo em *igbo*, etnia nigeriana, que possibilita complexar as relações de poder existentes em narrativas que se impõem com únicas possíveis: *nkali*, um substantivo que pode ser traduzido como “ser maior que o outro”. Continua a autora: “Assim como o mundo econômico e político, as histórias também são definidas pelo princípio de *nkali*: como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito do poder” (idem). A escrita da história sempre está comprometida com as relações de poder que se desenvolvem dentro de uma determina sociedade, assim como a resistência que se faz a esse poder que tenta se tornar hegemônico e impor sua narrativa.

Lélia Gonzalez aponta para esse fato ao escrever na década de 1980:

[...] Desconhecemos totalmente a história das culturas e das civilizações africanas, e nos afirmamos num país europeu. O nosso conhecimento do passado europeu é extraordinário, mas o nosso desconhecimento em ideologia é isto, é um reconhecimento-desconhecimento, mas o nosso desconhecimento com relação à história da América pré-colombiana, com relação à história africana, é extraordinário. E aponta tranquilamente para um tipo de escolha, uma escolha que se dá justamente para afirmar uma suposta superioridade do homem branco ocidental (p. 336-336)

Não foi diferente em relação à história das mulheres que durante muito tempo foram silenciadas na historiografia brasileira, sendo descritas como coadjuvante em seus próprios processos de constituição como seres individuas e sociais. Por essa questão que o termo *nkali* usado por Chiamamanda Ngozi Adiche se torna interessante nessa análise, ao propor que toda história é interessada, que sua escrita não se faz sem tensões entre os diferentes grupos sociais e aqueles que estão no comando das políticas públicas do país, some-se a isso a própria subjetividade e conhecimento do/da historiador/historiadora que irá se encarregar de escrever esse passado inacessível e mítico.

Denize Sepulveda e José Antônio Sepulveda publicaram na Revista Educação em Foco, da Universidade Federal de Juiz de Fora, no ano de 2021, o texto intitulado “O ensino de história, a história das mulheres, os gêneros e as sexualidades”*,* no qual os autores relatam um pouco de suas experiências enquanto acadêmicos de história e o vazio em suas trajetórias acadêmicas de temas ligados a história das mulheres, as questões de gêneros e sexualidades, problematizando tal vazio e tecendo algumas considerações sobre os cursos de formação em história, tendo como referência duas universidades públicas no Rio de Janeiro.

Citando Regine Pernoud (1984) e sua obra intitulado *As mulheres no tempo das catedrais*, os autores questionam o porquê do silenciamento das narrativas e percursos de mulheres dentro da história e, em específico, nos próprios cursos de história. Algo que um/a dos autores/as deste trabalho experimentou em sua própria formação como professor de história, mesmo a turma a qual ele/a frequentava ser composto de um número expressivo de mulheres, cerca de 50% da turma era formada por alunas.

[...] Para falar a verdade, essas temáticas só foram abordadas na disciplina de estágio quando a professora disse a nós, futuras docentes, que, para evitar distrair a atenção dos meninos e rapazes, deveríamos deixar nossas sexualidades em casa quando fôssemos trabalhar nas escolas. Ela continuou sua narrativa dizendo que não podíamos usar decotes, que precisávamos usar jalecos para esconder nossos corpos. Prosseguiu dizendo que de maneira alguma podíamos usar maquiagem e não poderíamos mexer os quadris quando fossemos apagar o quadro [...] (SEPULVEDA; SEPULVEDA, 2021, p. 3)

Ainda que pese o crescimento da produção historiográfica sobre a história das mulheres a partir das décadas de 1980 em diante, ainda há um vasto campo de indagações que precisam ser feitos, vozes que precisam ser ouvidas, lições que necessitam ser aprendidas sobre a experiência feminina ao longo da história. Essa é a nossa expectativa ao escrever uma história sobre a educação feminina da segunda metade do século XIX, na cidade de Campos dos Goytacazes, aprender com essas mulheres campistas e, através desse aprendizado, mudar a nós mesmos e nossos pensamentos sobre o que é ser mulher dentro desse recorte tempo-espacial, suas potencialidades e limitações.

O que os autores acima mencionados relatam é a maneira distorcida que a mulher era, e em grande medida ainda é vista dentro de uma sociedade patriarcal e sexista, que insiste por impor padrões e limites para os comportamentos femininos num ideal burguês de ser mulher. Por isso as discussões sobre gêneros, sexualidades e mulheres são tão importantes dentro da educação e, em específico, nos cursos de formação de professores, seja ele o de história ou qualquer outra licenciatura, no intuito de rever as formas como essas narrativas foram construídas e impostas como normais.

Perrot (2009, p. 16) questiona o lugar reservado à mulher na história ao argumentar:

A história é o que acontece, a sequência dos fatos, das mudanças, das revoluções, das acumulações que tecem o devir das sociedades. Mas é também o relato que se faz de tudo isso. Os ingleses distinguiam *story* de *history*. As mulheres ficaram muito tempo fora desse relato, como se destinadas à obscuridade de uma inenarrável reprodução, estivessem fora do tempo, ou pelo menos, fora do acontecimento. Confinadas nos silêncio de um mar abissal. Nesse silêncio profundo, é claro que as mulheres não estão sozinhas. Ele envolve o continente perdido das vidas submersas no esquecimento no qual se anula a massa da humanidade. Mas é sobre elas que o silêncio pesa mais. E isso por várias razões (apud SEPULVEDA; SEPULVEDA, 2021, p. 4 – 5).

Ao finalizarem seu texto os professores Denize Sepulveda e José Antônio Sepulveda veda (2021) ao analisarem a matriz curricular de dois cursos de história de duas universidades públicas verificaram que somente em um deles aparece uma disciplina ligada aos estudos de gênero e sexualidade ou história das mulheres e mesmo assim no formato de eletiva o que não garante a participação de todos os alunos e de todas as alunas nas discussões dessas temáticas, que são essenciais na formação de uma pessoa licenciada em qualquer área do conhecimento humano.

Pode-se aprofundar as questões levantadas por Perrot (2009) e perguntar qual o lugar das mulheres negras, indígenas ciganas e tantas outras que foram silenciadas pelas narrativas históricas? Qual o lugar da experiência dessas mulheres, de suas vivencias e de suas trajetórias, como apresentado no livro organizado por Carla Bassanezi Pinsky e Joana Maria Pedro, em 2012, pela editora Contexto, sob o título de *Nova história das mulheres no Brasil*, que traz diferentes temas ligados as histórias das mulheres no Brasil em diferentes períodos históricos. Entre eles cito o texto escrito por Alda Britto da Motta sob o título “Elas começam a aparecer...,” no qual a autora traz a temática do vazio historiográfico ligado à história das mulheres velhas, “Se já é difícil encontrar uma história das mulheres, essas eternas prisioneiras da vida privada e do cotidiano, que dirá uma história das mulheres velhas!” (p. 84). Ao longo de seu texto fica claro que não há como olhar para o passado e escrever uma história das mulheres, pois, na realidade elas foram muitas e suas experiências diversas, sendo atravessadas por questões de raça/etnia, gênero, classe e idade. Apesar de estarem presentes no movimento feminista desde seu surgimento o interesse por suas demandas e especificidades só ocorreu a partir da década de 1950 em diante com a maior participação das pessoas velhas em movimentos políticos e sociais, como o de reinvindicação de direitos, em especial os previdenciários. “[...] até mais ou menos a década de 1950, as mulheres idosas não têm História, têm, têm, sobretudo pequenas histórias privadas não escritas” (p. 100). Ao término de seu texto a autora deixa claro que apesar da indiferença do movimento feminista pelas temáticas etárias, que foram negligenciadas por muito tempo, elas foram favorecidas pelas “[...] ideias feministas – porque libertárias – as beneficiaram indiretamente” (p. 103).

Sendo assim, a histórias das mulheres precisam aparecer com mais frequência nos livros de história, assim como nos currículos dos cursos de formação de professores. Mulheres com diferentes histórias e diversas trajetórias, mas que dividem o fardo de uma sociedade patriarcal, que muitas vezes tenta enquadrá-las em discursos de verdade que legitimem a pseudo diferença entre homens e mulheres.

**Referências**

ADICHE, Chiamamanda Ngozi. *O perigo de uma história única.* São Paulo: Companhia das Letras, 2009. (e-book)

SEPULVEDA, Denize; SEPULVEDA. José Antônio. “O ensino de história, a história das mulheres, os gêneros e as sexualidades”. IN: *Revista Educação em Foco*, Juiz de Fora – MG. Vol. 26, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/34940>. Acesso em: 09/08/2022.

GONZALEZ, Lélia. “Por um feminismo AfroLatinoAmericano”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. IN: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. E-book.

MOTTA, Alda Britto da. “Elas começam a aparecer...”IN: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2012. P. 83-104.

1. Ainda hoje é possível encontrar narrativas que atribuem as mazelas encontradas em várias regiões da África às culturas encontradas em seu território, associando- o ao exótico sem perceber as complexidades internas e externas de sua formação. Um/a dos/as autores/as deste trabalho teve um aluno muito religioso que certa vez argumentou que a África estava sendo castigada por Deus por ser pagã, ele ficou bem surpreso quando informei que a Etiópia é um dos reinos cristãos mais antigos da história, tendo templos que remontam a primeira fase do cristianismo no século I d.C. [↑](#footnote-ref-1)